

“Santa Lola”: trajetória social e origem da vocação religiosa da imagem sagrada do interior mineiro

“Saint Lola”: social trajectory and origins of the religious vocation of the saint image in the interior of Minas Gerais State

Stefany Silveira¹
Cosme Elias²

RESUMO: Conhecida como “Santa Lola”, Floripes Dornelas de Jesus é uma personagem importante no cenário religioso da Zona da Mata mineira. Foi acometida muito cedo por um acidente que a deixou paraplégica, juntamente com alterações inexplicáveis ocorridas em seu organismo, fazendo com que não se alimentasse, dormisse ou tivesse qualquer necessidade fisiológica. Tais fatores condicionaram o surgimento de uma série de questões que suscitaram a construção desse mito. Este artigo visa à busca da compreensão de toda uma simbologia contida nas ações cotidianas de Lola, como a ingestão diária e unicamente da Eucaristia por cerca de 65 anos, abdicando das demais formas de alimentação.

ABSTRACT: Known as Santa Lola, Floripes Dornelas de Jesus is an important figure in the religious scene in the Zona da Mata (forest area) of Minas Gerais. Affected too soon by an accident that got her paraplegic, along with unexplained changes in her organism, causing her not to feed, sleep or have any physiological needs. Such factors led to the emergence of a series of questions that stimulated the construction of this myth. This article aims to search for understanding of the whole symbolism contained in Lola’s everyday actions, as the daily ingestion of the Eucharist for about 65 years, abdicating from other forms of nutrition.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Ascetismo. Resignação. Beatificação.

KEYWORDS: Religion. Asceticism. Resignation. Beatification.

1 Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: stefanycsilveira@hotmail.com.

2 Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: cosme-elias@yahoo.com.br.

I. INTRODUÇÃO

Conhecida pelos mistérios que cercavam uma vida ascética e exclusivamente dedicada à religião, Floripes Dornelas de Jesus, chamada popularmente de “Santa Lola”, tornou-se personagem de referência no cenário religioso da Zona da Mata mineira. Após o acidente que marcou a ruptura de uma vida considerada “normal” e ascendeu uma vocação religiosa inspirada nos preceitos da Igreja Católica, Lola permaneceu inclinada a orar por aqueles que a procuravam a fim de alcançar alguma luz para problemas pessoais.

A história da “Santa Lola”, tão conhecida nas cidades que fizeram parte da sua história, particularmente Mercês e Rio Pomba, respectivamente os locais onde nasceu e viveu, não é tão popular nas demais cidades da região. Trata-se de uma história de cultura popular, da crença que surgiu no seio das populações que a conheceram e tiveram algum contato próximo com sua trajetória. No âmbito comunicacional, sua história tem base na oralidade, que, passada de pessoa para pessoa, tomou uma proporção grande e resultou na denominação automática de seus fiéis por “santa”.

Há inúmeros testemunhos que “milagres” tenham sido concedidos ou favorecidos por Lola. Esse é o principal exemplo de que a história que se conta a respeito dela é uma alimentação da cultura local, que permanece viva ainda hoje, seja com festas e celebrações organizadas pelas comunidades que tematizam seu nome e trajetória social, seja pela dedicação desta população de guardar todas as primeiras sextas-feiras do mês em sua homenagem ou pela fé que tantos sustentam por sua imagem.

Este projeto tem, por fim, base na oralidade e nas experiências religiosas que tantas pessoas carregam em suas histórias e fazem questão de exteriorizar, o que alimenta uma cultura tão particular e próxima. A crença na “santidade” da personagem aqui estudada é viva e bastante relevante para a história da região, a julgar pelos traços no que tange a uma sociedade bastante religiosa e, também, supersticiosa. Com a oficialização de sua beatificação, em andamento, a região ganha reforço cultural e sua história, mais fiéis.

2. COMO FLORIPES DORNELAS DE JESUS SE TORNOU “SANTA LOLA”

O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas. Ao contrário, coisas e gestos se tornam religiosos quando homens os batizam como tal. (Rubem Alves)

Situada na Zona da Mata Mineira, a cerca de 300 km da capital, a cidade de Rio Pomba conhece um fenômeno religioso de grande magnitude, embora não haja estudos mais aprofundados sobre o assunto. Falecida há cerca de 14 anos, “Santa Lola”, como é chamada pelos seus devotos, suscita uma série de indagações e reflexões sobre esse mito. A festa anual em sua homena-

gem e os encontros mensais bem como o processo e a luta de seus fiéis pela sua beatificação fazem de Floripes Dornelas de Jesus um referencial para ser entendido e estudado, mesmo que de forma incipiente. Podemos situá-la em patamares importantes como personagem do catolicismo, cuja grandeza será ou não reconhecida em vista de sua canonização. Procuramos, neste trabalho, analisar alguns aspectos da religiosidade da “Santa Lola”, partindo do reconhecimento de conceitos históricos nos quais a mártir se inseria e seguindo pelo processo que transformou a vida – embora sempre de devoção cristã e católica – para vivenciar uma experiência de renúncia, dedicação e sofrimento. O mistério que envolveu sua vida após o acidente que a privou de determinados movimentos é grande, uma vez que as novas condutas por ela adotadas suscitam simbologias essencialmente místicas presentes nas mais diversas religiões. O jejum, a eucaristia, o sacrifício e a oração têm significados nas práticas religiosas e contribuem, de certa forma, para aquilo que podemos definir como “construção de um mito” e, nesse sentido, vamos tentar entender os processos que a levaram, mesmo ainda sem reconhecimento oficial, ao grau de santa e a ser seguida por milhares de devotos.

Floripes Dornelas de Jesus, conhecida como Lola³, nasceu no dia 9 de junho de 1913 em Mercês, uma pequena cidade do da Zona da Mata de Minas Gerais, tendo sido batizada no dia 27 do mesmo mês, data em que oficialmente é comemorado seu aniversário. Filha de Joaquim Dornelas de Jesus e Deolinda Dornelas de Jesus, Lola era a caçula de treze irmãos: seis homens e sete mulheres. Dois anos após seu nascimento, sua família se transferiu para o município vizinho de Rio Pomba, onde se instalou em um sítio no distrito chamado Lindo Vale. Os pais, conservadores e muito religiosos, conduziram a pequena Lola a uma vida semelhante à de qualquer criança de sua época, com horários divididos entre escola e lazer⁴.

Segundo relatos do livro “O Tesouro de Lola”, de Márcio Antônio Deotti Ibrahim, em sua adolescência, assim como as irmãs, ela fazia as tarefas da casa e ao fim do dia se reunia com a família para recitar o Santo Rosário da Imaculada Virgem Maria diante de um pequeno altar disposto no cômodo principal de sua casa. As manhãs da família também eram dedicadas à religião, uma vez que se reuniam diariamente para assistir à missa na Igreja Matriz de São Manoel do Rio Pomba e comungar. Floripes sempre mostrou interesse pelas atividades religiosas, tornando-o concreto ao ingressar na Irmandade de Filhas de Maria por volta dos dezenove anos,

³ Não há fontes oficiais que justifiquem a origem do apelido.

⁴ Depoimento à autora, concedido por Míriam Sá, na cidade de Rio Pomba, no dia 18 de novembro de 2013.

instituição que ainda pertence à Paróquia de São Manoel de Rio Pomba⁵.

De acordo com depoimentos, a mais importante transformação na sua vida ocorreu no ano de 1934 quando Lola se acidentou enquanto apanhava jabuticabas no quintal de seu sítio. Ao cair sobre um cercado feito de bambus, perfurou o baço e lesionou a coluna. Após permanecer algum tempo desmaiada e desamparada, foi encontrada pelo pai, que a conduziu até o interior da casa e solicitou assistência médica. Ao chegar o socorro, Lola já estava lúcida, porém com forte hemorragia e dores lancinantes. Após os cuidados e medicações, foi advertida a cumprir repouso absoluto para que um próximo exame fosse realizado e revelasse suas reais condições físicas⁶.

A gravidade das lesões foi logo constatada, uma vez que haviam atingido as terminações nervosas da coluna da paciente, privando-a dos movimentos das pernas. Por três anos, mesmo com a limitação de recursos médicos existentes na época, Lola permaneceu em tratamento na cidade de Juiz de Fora. Seu caso, no entanto, era irreversível e, após esse período, resolveu dedicar-se inteiramente à vida de oração e recolhimento. Os medicamentos eram excessivos e, por este motivo, seu estômago, danificado, começou a rejeitá-los. A partir de então, Lola foi se abstendo dos remédios e também dos alimentos.

Diante dos problemas que acometiam seu sistema digestivo, Lola apenas conseguia ingerir um caldo feito de cidras. Mas para surpresa dela e de todos à sua volta, sua saúde não estava definhando, ao contrário, permanecia intacta. O mistério relacionado à sua vivência se intensificou ao passo que abandonou a ingestão do líquido e passou a sobreviver fazendo jejum eucarístico, ou seja, Lola se alimentava apenas da Sagrada Eucaristia que o Padre Gladstone Batista Galo, Vigário da Paróquia de São Manoel, lhe entregava todos os dias.

Lola ainda sentia dores, mas já não a incomodava mais. Suas instalações, precárias por sua própria opção, eram compostas de uma cama sem colchão e um altar em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus. Ela prometeu permanecer ali, imóvel e concentrada a fazer orações pela conversão dos pecadores. A partir de então, senhoras pertencentes ao Apostolado da Oração e o Vigário de São Manoel constituíram uma vigília para se unir a Lola em suas orações e também ampará-la diante de suas condições físicas e necessidades especiais.

Os depoimentos tomados parecem ser incisivos no sentido de

5 As iniciantes na Irmandade de Filhas de Maria são chamadas postulantes. Por um ano e meio, são instruídas por uma integrante mais experiente aos seus afazeres diários e futuros. seu traje é composto de fitas e faixas azuis e uma medalha, considerada milagrosa por elas, sobre a vestimenta branca.

6 Depoimento à autora, concedido por Míriam Sá, na cidade de Rio Pomba, no dia 18 de novembro de 2013.

que Lola realmente não bebia e não ingeria qualquer tipo de alimento, exceto hóstias consagradas, desfrutava de poucas horas de sono diário, mantendo-se lúcida e com excelente memória. Sua higiene era feita por ela mesma, com tecidos de grosso acabamento embebidos em álcool, não fazia nem mesmo uso de toalhas e colchões. No entanto, viveu 65 anos nessa situação.

Lola parecia não mostrar interesse pela vida matrimonial. A partir de 1935, no ano seguinte após o acidente, passou a dedicar-se inteiramente aos inúmeros romeiros que visitavam sua casa em busca de conselhos e orações. Inicialmente, os devotos eram recebidos em seus aposentos e presenteados com um pequeno folheto, cuja finalidade era incentivá-los a fazer orações durante nove meses, em todas as primeiras sextas-feiras do mês. Essencialmente católica, aconselhava os fiéis a procurar a igreja para fazer confissões e comungar. Dessa forma, acreditava que suas súplicas e aflições seriam atendidas por Deus, com a garantia de suas próprias orações e meditações.

Floripes passava seus dias reclusa em seu quarto, recebendo cartas, bilhetes e pessoas que procuravam por alguma libertação: de enfermidades, problemas financeiros e sentimentais. Nos momentos em que não estava orando, Lola se dedicava à leitura das vidas dos santos e também à confecção de trabalhos artesanais, como flores, terços e fitas, que eram enviados aos seminários, como uma forma de estimular os homens da cidade a integrar uma instituição de oração e exaltação da memória divina.

A relação dela com o Sagrado Coração de Jesus era muito íntima. Ela tinha uma intimidade tão grande com Deus que a gente ficava até admirado. Quando, às vezes, a gente ia lá para fazer os pedidos de orações, ela pedia licença para poder rezar e depois dava a resposta que ia mandar para a pessoa que pediu a oração. Ela rezava e depois dava a resposta. Então para cada um ela tinha um momento de silêncio e oração. Mas a prioridade das orações dela eram para as famílias, para os padres, religiosos e também para seminaristas. (Miriam, 2013)

Lola deixou claro em cartas o desejo de que, mesmo após sua morte, tanto os trabalhos em prol do Apostolado da Oração quanto a impressão dos folhetos contendo a Grande Promessa do Coração de Jesus fossem levados adiante, para que, em sua falta, os romeiros e devotos de sua santidade se sentissem amparados e não abandonassem a fé naquele que ela exaltou durante toda a vida. Na carta datada de 7 de agosto de 1960, Lola diz estar satisfeita com os trabalhos do Apostolado. Segundo ela, “esperamos continuando sempre bem a devoção do Coração de Jesus, espalhando como lastradoras e enraizando nos corações para que todos

amem a Jesus como ele merece e todos saibam desprezar as ilusões do mundo, pois cada dia de minha vida vejo melhor a grande misericórdia do Sagrado Coração de Jesus (IBRAHIM, 2012, p. 98)

No decorrer dos anos, os conselhos de Lola foram se tornando conhecidos. Notícias sobre graças obtidas, alívio de dores e também curas de doenças começaram a circular pela cidade, atribuindo-lhe a condição, em vida, de santa. Seu nome se tornou popular. Os ensinamentos, os pedidos e orações disseminaram-se pela região no entorno da cidade de Rio Pomba e, conseqüentemente, vieram as contestações ao caráter verdadeiro de sua “santidade” e sua ligação com o mundo sagrado. De sua parte, o argumento era de ser apenas a intermediadora e humana, cujas realizações e graças provinham do Sagrado Coração de Jesus. Existem relatos afirmando que ela teria sofrido tentativas de envenenamento e agressões físicas. Porém, estes relatos não provêm de fontes oficiais ou registros policiais, de forma a comprová-los.

Por volta do ano de 1958, o Arcebispo da Arquidiocese de Mariana, Dom Oscar de Oliveira, temendo pela sua saúde debilitada e pelo aumento expressivo das romarias, proibiu que Lola continuasse atendendo pessoalmente os devotos. Lola, então, acatou as orientações da igreja a não mais atender os leigos, somente os religiosos. Dessa forma, passou a imprimir pequenos folhetos para difundir a crença na Grande Promessa do Sagrado Coração de Jesus, em que, além das novenas e orações, o principal compromisso era com a execução da confissão e comunhão nas primeiras sextas-feiras, durante nove meses. O folheto deveria voltar assinado a ela, o que legitimava a conclusão da promessa.

Sua irmã mais velha e última viva, Dorvina Dornelas de Jesus, já cuidava de suas necessidades e, portanto, passou a atender os visitantes e transmitir a eles os seus recados, assim como distribuir e receber os folhetos de oração, que Lola depositava em um grande baú. Ela, então, dedicava seus dias à confecção das fitas do Apostolado da Oração Masculino⁷, com o objetivo de instruir e incentivar os homens a integrar a comunidade religiosa. Lola também continuava doando os livretos intitulados Adoração Noturna no Lar, Honra, Louvor e Glória ao Sagrado Coração de Jesus, Amor, Paz e Alegria, e o mais popular, Novena Eficaz ao Sagrado Coração de Jesus. Toda a dedicação que Lola atribuía ao Sagrado Coração de Jesus era, em suas palavras, “para que ele seja mais conhecido e amado”, como conta Ibrahim (2012, p.30).

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é, segundo as tradições

⁷ Segundo o livro dos estatutos do Apostolado da Oração, este constitui a união dos fiéis que, por meio do oferecimento cotidiano de si mesmos, se juntam ao Sacrifício Eucarístico, no qual se exerce continuamente a obra de nossa redenção e, desta forma, pela união vital de Cristo, colabora para a salvação do mundo.

da Igreja Católica, cultuada todas as primeiras sextas-feiras de cada mês. Assim como Lola pregava e é tradição até os dias de hoje, as primeiras sextas-feiras deveriam ser dedicadas à adoração ao Coração de Jesus e direcionadas à redenção. Confissões, comunhões e missas eram celebradas durante todo o dia para romeiros de cidades vizinhas como Mercês, Silveirânia, Tabuleiro, Tocantins, Barbacena, Ubá e Juiz de Fora. Durante os cultos, eram distribuídos os folhetos intitulados Novena das Nove Primeiras Sextas-Feiras, cuja impressão do verso permitia que o devoto preenchesse seu nome, seguido de nove datas das respectivas comunhões. Os livretos eram devolvidos a Lola, que os guardava cuidadosamente e os denominava como tesouros.

Segundo Ibrahim (2012, p. 24), Lola costumava dizer: “Este é o grande tesouro que irei entregar ao Sagrado Coração de Jesus, quando por Ele for chamada deste mundo”. Diante disso, a questão da crença nos itens que Lola apresenta como sagrados e eficazes se torna cada vez mais firme, o que transmite toda a fé depositada em um ser sagrado e abstrato – à própria Lola – como confirmam Frei Chico e Lélia Coelho Frota, no prefácio provisório do livro *Abecedário da Religiosidade Popular* (1999). Na cultura da população menos favorecida, a religiosidade é uma característica importantíssima, que rege suas vidas e mantém o ser em harmonia com o próprio espírito. A partir de então, a fé no sobrenatural passa de geração em geração para reforçar a ideia de que a alma nunca está separada da atividade humana no trabalho ou na diversão, na enfermidade ou na saúde.

Floripes faleceu na madrugada do dia 9 de abril de 1999, com 85 anos. De acordo com a certidão de óbito, em decorrência de um choque cardiogênico, insuficiência cardíaca congestiva e sobrecarga ventricular. Diante do ocorrido, cerca de 15 mil fiéis de toda a região se deslocaram à cidade de Rio Pomba para acompanhar o cortejo fúnebre e prestar suas homenagens a “Santa Lola”⁸. Segundo as autoridades presentes, todas as manifestações de pesar e devoção ocorreram em ordem, sem que nenhum acontecimento incomum marcasse a data. Lola está enterrada no Cemitério Municipal de Rio Pomba e até os dias de hoje seu túmulo recebe visitas de devotos e admiradores da figura que representou e ainda representa. As autoridades civis de Rio Pomba instituíram o dia de sua morte como feriado municipal.

3. UMA VIDA DE RENÚNCIA DEDICADA À RELIGIÃO

A vida de Floripes e seu caráter peculiar nos remetem a uma série de questões que pretendemos analisar neste artigo. Não é o objetivo deste trabalho nos aprofundarmos na veracidade da história ou mesmo em possíveis contradições. Dedicamo-nos simplesmente aos aspectos principais

8 Dados fornecidos pela Polícia Militar de Rio Pomba, no dia 18 de novembro de 2013.

de sua religiosidade, de forma a interpretar a construção desse mito chamado “Santa Lola”. O ponto inicial de nossa discussão está relacionado com o caráter de renúncia e sofrimento inculcado na história, uma vez que, no cristianismo, é frequentemente associada a questão da santidade com o martírio, sendo inúmeros os relatos de sacrifício, devoção e renúncia. O sofrimento é entendido como uma experiência social, e o mártir é, na verdade, uma representação do modo de vida a ser seguido para conseguir a plenitude da alma.

Para entendermos o processo de construção dessa santidade, faz-se necessária uma contextualização histórica e social que pode ou não influenciar na formação deste e de outros mitos. Partimos inicialmente da argumentação de Bloch (2005), cuja defesa na ideia de um ser humano como ser posteriormente santificado tem raízes na Idade Média, época em que o senso comum acreditava que o então monarca seria proposto por Deus e teria poderes taumatúrgicos. De acordo com o autor, “os reis da França e da Inglaterra puderam tornar-se médicos milagrosos porque já eram, havia muito tempo, personagens sagrados: *sanctus enim et christus Domini est*” [“o rei é santo; é o ungido do senhor”] (...)” (BLOCH, 2005, p. 70). O autor ressalta, também, o fato de o poder miraculoso atribuído aos reis pela sociedade ancestral ser “geralmente concebido para fins coletivos destinados a obter o bem-estar do grupo como um todo, não dirigido a fins particulares. Muito mais que aliviar as misérias individuais, seu papel é fazer a chuva cair ou assegurar a regularidade das colheitas; (...)” (BLOCH, 2005, p. 72).

Aos olhos do povo, em grande parte ela tinha origem naquela predestinação familiar à qual as massas, guardiãs das ideias arcaicas, não haviam deixado de dar crédito. Mas também, a partir dos tempos carolíngios⁹, essa “santidade” passou a resultar, mais formalmente e mais cristãmente, de um rito religioso, a unção; em outros termos, desse óleo bento que parecia a tantos enfermos o mais eficaz dos remédios. Portanto, os reis estavam duplamente designados ao papel de benfeitores taumatúrgos: primeiro, pelo caráter sagrado que lhes era inerente; depois, mais particularmente, por uma das fontes de onde emanava esse caráter, a mais visível e a mais respeitável. (BLOCH, 2005, p. 82)

9 Segundo Oliveira (2008), a união do poder secularmente fundamentado com a religião resultou no império mais forte da realidade medieval, conhecido como “Império Carolíngio, cujo líder de maior expressão foi Carlos Magno (~742 – 814), filho de Pepino, o Breve, e de sua esposa Berta. Sua primeira sagração ocorreu por volta de onze anos de idade, pelo papa Estevão II (FAVIER, 2004, p. 135), demonstrando que as gerações posteriores a Pepino se pautaram na união anteriormente realizada entre Igreja e Estado” (OLIVEIRA, 2008, p. 35).

A Crisandade, porém, só se afirmou em torno do ano mil, que, entre os séculos X e XIV, desempenhou um papel fundamental ao progresso da civilização do Ocidente Medieval. Segundo Jacques Le Goff (2005), o aumento populacional foi um fator diretamente relacionado à expansão do cristianismo, uma vez que a Europa, em plena era de arranque econômico e construção, teve sua maior parcela financiada pela Igreja. Nessa época, “ela ‘desentesourou’, pondo em circulação os tesouros acumulados. Claro que isso se fez numa atmosfera de milagre, cuja roupagem taumatúrgica não nos deve ocultar as realidades econômicas”, uma vez que “quando um bispo ou um abade queria aumentar, construir sua catedral, seu mosteiro, logo um milagre lhe fazia descobrir o tesouro enterrado que lhe permitia, senão concluir, pelo menos começar sua empresa” (LE GOFF, 2005, p.76-77). Por milagre, entendia-se primeiramente originar-se de um ser extraordinário, ou um santo.

Os santos são pessoas – isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias e uma biografia – que habitam o céu, estando junto de Deus, e por isso, têm poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo. É como se a imagem estivesse viva. (OLIVEIRA, *apud* TAVARES, 2013).

Podemos, com base na obra de Marc Bloch, traçar um paralelo com a história do cearense Padre Cícero, que se tornou “santo” ao contribuir “sobrenaturalmente” para a sociedade em um período marcante no estado, devido às grandes secas do século XIX. Neves (2000) afirma que a irregularidade de chuvas naquela época deixou de ser uma questão climática, no seu sentido mais restrito, para se tornar uma questão social, iniciando a concepção da “seca tal qual a entendemos hoje: miséria, fome, destruição da produção, dispersão da mão de obra, invasões das cidades, corrupção, saques...” (NEVES, 2000, p. 80). Portanto, a ideia de uma beatificação deve ser vista dentro de seu contexto, pois fatores sociais, políticos, econômicos e até mesmo naturais podem ter influência significativa no fenômeno. Embora no caso de “Santa Lola”, há de se destacar que a região em que ela vivia e sua época parecem não ser determinantes no processo.

A ideia de uma beatificação está ligada a uma questão de crença e, nesse caso, segundo Andrade Filho e Charrone (2013), não está diretamente ligada à contemplação da própria entidade divina ou de suas realidades, mas da contemplação de um mediador que favorece a comunicação entre o homem comum e Deus: alguém que está, de alguma forma, mais próximo d’Ele e, assim, pode gerenciar as graças concedidas por Ele e transmitir seus ensinamentos, conselhos e orações. Partindo da argumentação de Richter (1996) e relacionando-a à vida recolhida de Lola, observamos que tanto

a obstinação a se recolher quanto a fé que os demais religiosos e leigos depositavam nela implicavam a “existência de deveres específicos e o seu cumprimento, o espírito de autossacrifício, a lei moral e o respeito que ela inspira sob a forma mais abstrata e mais absoluta” (RICHTER, 1996, p. 105), ou seja, a reputação de Lola foi construída segundo princípios comumente considerados dignos de admiração e santidade.

Por este motivo, o conjunto de características que regiam sua vida, como o sofrimento, o recolhimento e a renúncia de qualquer bem material, automaticamente remete sua imagem à de uma santa. Retornemos ao exemplo do Padre Cícero, que, segundo Luitgarde Barros (1988), teve devotos advindos principalmente “das camadas mais pobres de trabalhadores do campo e moças órfãs e pobres (...) Os beatos e beatas de Ibiapina faziam votos de castidade e pobreza, renunciavam aos ‘prazeres do mundo’ e se dedicavam ao serviço de Deus, trabalhando, cuidando dos enfermos, órfãos e necessitados, além dos serviços do culto religioso, como novenas, terços, encomendações de almas e até pregações.” (p. 104). Embora Richter (1996) fale propriamente do santo e Barros (1988), dos fiéis, os seguidores, os casos citados reforçam o caráter de busca da salvação, uma espécie de santidade através da renúncia como uma forma de aproximar os homens da divindade. Não queremos dizer que o “tornar-se santo” seja uma escolha consciente e pretensiosa, mas apontamos o desejo que os “beatos” nutrem de chegar o mais próximo do que dizem os livros sagrados, segundo suas próprias interpretações.

Ao se falar da Santa Lola, a ideia mais comum está no mistério acerca de sua alimentação: talvez seja este o prisma de maior interesse tanto de estudiosos, quanto de seus fiéis. Poderíamos dizer que o mito tenha sido construído no entorno dessa característica, ou seja, o modo como passara a se alimentar após o acidente até o final de sua vida. A hóstia é um alimento feito basicamente de farinha de trigo e água¹⁰, o que, via de regra, contraria todos os princípios alimentares¹¹. Como dito anteriormente, não é de interesse deste trabalho discutir a veracidade dos fatos, nem mesmo entrar

10 Segundo João Tadeu Benapti, proprietário da Fábrica São Francisco, em Mococa – SP, em entrevista à revista SJPNews, afirma: “A hóstia é feita apenas de farinha e água. Esses dois ingredientes são misturados em uma prensa quente, e o resultado é o pão ázimo: uma hóstia de 45 cm. Depois dessa etapa, o pão ázimo é cortado nos vários comprimentos. São ao todo cinco tamanhos diferentes, desde 3 cm até 5 cm para os fiéis e de 7 cm até 16,5 cm para os padres”. Disponível em <<http://www.sjpnews.com/2013/04/voce-sabe-como-e-feito-as-hostias.html>> Acesso em: 7 março 2014.

11 De acordo com o gastrocirurgião Vladimir Schraibman, em entrevista ao site Papo Feminino, os nutrientes indispensáveis para uma vida saudável são alimentos probióticos, encontrados no leite e derivados, vitaminas A, C, E, ácido fólico e zinco, fibras alimentares encontradas em frutas, legumes e vegetais; peixes, aveia e cereais integrais. Disponível em: <<http://papofeminino.uol.com.br/mulher/saude-e-bem-estar/alimentos-indispensaveis-para-uma-vida-saudavel/>> Acesso em: 7 março 2014.

em questões nutricionais, mas procurar entender os elementos que levaram à construção desse personagem. O ato de alimentar-se é fisiológico, mas, além disso, é também social. Vejamos, por exemplo, na argumentação de Douglas (1996) e Elias (1993): este enfatiza os padrões de etiqueta, aquela destaca o caráter simbólico e cultural do consumo.

Os alimentos, diz Douglas, têm uma série de aspectos simbólicos e culturais no seu entorno, uma vez que se alimentar é uma necessidade fisiológica, porém, consumir faz parte do esquema social. A satisfação das necessidades está vinculada a costumes moldados pela cultura em que o indivíduo está inserido. Se temos o consumo como supridor de uma necessidade, aliado à aquisição de representações simbólicas, há importância nos manuais de etiqueta (ELIAS, 1993), que definem e estabelecem padrões aceitáveis para a sociedade, aqui se incluindo, também, a importância religiosa e a devota. Além disso, na questão religiosa, o alimento tem significativo papel simbólico: são inúmeras referências nos rituais e festividades em que a sacralização alimentícia perpassa tanto pelos tipos de alimentos, como nas formas de consumi-los, – há uma série de tabus envolvendo o que se pode ou não ingerir em determinadas épocas – bem como aquilo que não é permissivo. Podemos exemplificar a tradição islâmica, que tem uma forma ritualística de abatimento dos animais. Conhecida como *halal*, o abate nessa religião obedece a normas ditadas pelo Alcorão ou jurisprudência islâmica, praticado não somente nos países muçulmanos, como também no Brasil, quando a carne é exportada para os países árabes. Como explicam Assakawa *et al.* (2009, p. 01), “o Islamismo, religião seguida pelos muçulmanos, impõe restrições à alimentação de seus adeptos. Os alimentos permitidos são chamados de *Halal*, palavra que significa “permitido, lícito”. Do total de carne de frango exportada pelo Brasil, mais de 25% são abatidos pelo método *Halal*. Neste abate, a insensibilização geralmente não é usada, porque provoca um decréscimo na sangria, e o sangue é considerado um produto proibido, *Haran*, para o consumo.” Além das proibições a determinados alimentos, ingerir algo que não foi abatido dentro daquilo que determina a religião seria um grande pecado. Além de toda essa simbologia em o que consumir e como fazê-lo, há também um aspecto relacionado à quantidade, como no caso do cristianismo no início da idade média: na época, a gula fora convertida em um dos sete pecados capitais, cujo grau máximo da espiritualidade passara a ser atingido pela rejeição de alimentos, “a busca da santidade, do puro, exigia privações do corpo.” (GAMERO, 2002, p. 37) Completando as palavras de Gamero, Le Goff (2005), com base na alimentação e no luxo alimentar, afirma que a igreja pregava à sociedade medieval se desprender da vaidade e ir buscar “as verdadeiras riquezas que estão escondidas” (p. 355). Segundo sua obra, o ideal cristão da época defendia a abominação da vaidade. “A primeira aparência é o corpo. Era preciso rebaixá-lo” (LE GOFF, 2005, p. 355).

Existem relatos diversos e semelhantes ao caso de Lola no que se refere à relação de sacrifício, renúncia e alimentação. Na Idade Média, há santas católicas que sofriam de transtornos alimentares: “Santa Liduina, durante anos, alimentou-se só de um pedaço de maçã por dia, e Santa Wilgefortis (do latim *Virgo fortis*, “virgem forte”), a jovem filha do rei de Portugal, que rejeitava os alimentos oferecidos, fazia jejuns e vomitava o que era obrigada a ingerir, emagrecendo notoriamente e praticamente deixando-se morrer de fome. A presença de hirsutismo¹² também é um fato relevante na sua história, ainda que, segundo a lenda, seu corpo tenha se coberto de pelos e uma barba tenha crescido como resultado de suas orações, em que rogava a Deus que lhe apagasse a beleza” (WEINBERG, CORDÁS e MUNOZ, 2005, pág 2).

No estudo do fenômeno Lola, o principal foco está na ingestão de hóstias como única forma de alimentação. A hóstia é considerada sagrada e tem uma simbologia muito importante no catolicismo, havendo, inclusive, grandes divergências no ato de comungar. Há correntes na Igreja que defendem a antiga tradição, em que o fiel não toca com suas próprias mãos a hóstia, cabendo somente ao padre fazê-lo, pelo fato de ter uma “mão santificada”. Conforme as palavras de Santo Tomás de Aquino, na obra *Suma Teológica* (2003, Q.82, Art. 13),

a distribuição do Corpo de Cristo pertence ao sacerdote por três razões: primeira, porque consagra na pessoa de Cristo. E assim como Cristo consagrou o Seu Corpo na (Última) Ceia e O deu também a partilhar aos outros, do mesmo modo tal como a consagração do Corpo de Cristo pertence ao sacerdote, assim também a Sua distribuição lhe pertence. Segunda, porque o sacerdote foi nomeado intermediário entre Deus e o povo. Portanto, assim como lhe compete oferecer a Deus as oferendas do povo, assim também lhe compete entregar ao povo as oferendas consagradas e terceira, porque, por respeito para com este Sacramento, nada Lhe toca a não ser o que é consagrado; eis porque o corporal e o cálice são consagrados, e da mesma maneira as mãos do sacerdote, para que toquem este Sacramento. E assim, não é lícito que qualquer outra pessoa Lhe toque, excepto em caso de necessidade, por exemplo, se caísse ao chão ou em qualquer outro caso de urgência.

Portanto, a hóstia é simbolicamente o “corpo de Deus” e, além disso, nos remete a uma série de questões outras, como, por exemplo, a

12 De acordo com o dicionário Michaelis, hirsutismo significa excesso de pelos, especialmente em mulheres. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=hirsutismo>> Acesso em: 19 mar. 2014.

vida eterna. No imaginário cristão, a longevidade pode ser atingida pela ingestão de hóstias sagradas. Como nos revela o artigo de Magno Francisco de Jesus Santos, a pessoa, ao colocar a hóstia dentro do corpo, acredita que atingirá a vida eterna:

Tem gente que acredita que se colocar a Hóstia Consagrada dentro do corpo não vai morrer nunca, vive para sempre. Aqui tinha um rezador que o povo dizia que tinha colocado uma Hóstia dentro do braço, com um corte e que ele não ia morrer. Mas esse homem viveu foi muito e sofreu para morrer com muito mais de cem anos. Fazer uma coisa dessa não é bom, pois a pessoa sofre muito para morrer, fica pensando. (SANTOS, 2002, p. 9).

Portanto, consumir a hóstia ou outro determinado alimento considerado sagrado dentro de uma religião nos remete a questões simbolicamente importantes, mas, por outro lado, não consumi-lo também é representativo: a renúncia e o sacrifício que a falta do alimento lhe impõe se apresentam como algo de extrema importância no caminho que se percorre até o sagrado. De acordo com Carneiro (1993), ao trabalhar a questão da limitação alimentar, argumenta que esta é uma forma de “restaurar” o corpo e a alma, de alcançar a sua purificação, pois o fiel estaria abdicando de alimentos que causariam prazer ao corpo. As regras definidoras dos padrões de alimentação podem servir como rituais que instauram medidas disciplinares e de autocontrole, “que vigiam a mais insidiosa, diuturna e permanente tentação.” (p.119)

Estar no comando dessa disciplina e domá-la é domar a si mesmo, diz Carneiro, por se fazer necessária a técnica dos jejuns. O autor ainda afirma que tais regras podem ser entendidas sob dois vieses: um viés, que ele denominou de anti-hedonista, cujo prazer produzido pelo alimento deve ser evitado; e outro, de pragmático, “ao evitar alimentos que sejam demasiadamente ‘quentes’ ou ‘passionais’. Os herbários medievais identificavam em diversos alimentos, tais como as cenouras ou alcachofras, fontes de excitação sexual. As regras budistas eliminam até mesmo a cebola, a cebolinha e o alho, por considerarem que inflamam as paixões (CARNEIRO, 1993, p.119).”

Ao que parece, Lola teve uma vida que, segundo seus seguidores, pode ser considerada de santa: primeiramente pelo caráter de renúncia e sacrifício no que diz respeito à sua alimentação; segundo pelo seu próprio modo de vida ascético, de sofrimento e pela intermediação que fazia entre o mundo sagrado e o dos homens. Esta ligação não se distancia, como discurso, da fala de lideranças tradicionais no universo das religiões: os processos de cura sempre são atribuídos à entidade, a Deus e à própria fé do crente, deixando para o “milagreiro” apenas o papel de intermediador,

isento dos resultados que possam advir, até mesmo infortúnios.

Sobre o “sofrimento” de Lola, fato que parece legitimar sua santidade para seus fiéis, Campos (2002, p. 18), ao se referir a Kleinmann, Das e Lock no livro *Social Suffering* (2007), diz que

o sofrimento é uma experiência social. Uma vez que o sofrimento ganha significado através de representações culturais, ele é ao mesmo tempo performance e representação da realidade. Portanto, o modo como o sofrimento é descrito nos leva a uma forma particular de como ele é vivenciado. O argumento dos autores é de que (...) os aspectos performativos da língua expressos localmente (diferenças de expressões por gênero, grupos etários, classe, etnia e etc.) têm um papel importante na própria experiência do sofrimento.

O testemunho do sofrimento alheio parece desenvolver certa sensibilidade a ponto de a figura humana se tornar alguém de extrema pureza. Isso nos remete a uma relação diretamente proporcional entre santidade e pureza, ou seja, quanto maior o sofrimento, mais pureza acomete sua alma, de forma a classificá-la como “santa”. Segundo Jean-Marie Jaspard (2004, p.21), “(...) a experiência humana do sofrimento não deixa a atitude religiosa indiferente. Uma experiência como essa estimula a atitude religiosa em certos parâmetros da estrutura pessoal em que ela se encontra atualmente estabilizada. Afinal de contas, essa experiência constitui, ao menos, tanto uma ocasião de fazer progredir a vida de fé, quanto um motivo de renunciar à fé.” Assim, Lola e sua vida de dedicação e renúncia parecem demonstrar a ideia de que aceitou seu destino e viveu em função de uma crença, fazendo da renúncia o principal meio para atingir, consciente ou inconscientemente, o grau máximo de sua fé, ou seja, a “santidade”.

4. A SANTIDADE DE LOLA

É fácil para Deus fazer um Santo! Difícil é a Igreja declará-lo! Quantos milhões se foram nessa Causa? (Padre Murilo Moutinho)

Desde o ano de 2005, um grupo de moradores da cidade de Rio Pomba, Minas Gerais, conhecido como Associação dos Amigos da Causa de Lola (AACL), se mobilizou para buscar provas que evidenciassem, através dos milagres por ela concedidos, sua santidade. O processo de canonização é complexo e pode levar muitos anos, além de envolver uma série de outras questões em seu entorno, como no caso do reconhecimento da “santidade” e de seus “milagres”, o que ocorre por parte da população e não pelo Vaticano. A leitura do texto de Soares (2007) é esclarecedora em certo sentido. De acordo com o autor, o “santo” irá surgir após uma série de

etapas previamente definidas: o passo inicial é a “conquista”, por parte do candidato, do título de “servo de Deus”. Com isso, o processo de beatificação ou canonização é aceito por um departamento do Vaticano chamado “Congregação para as Causas dos Santos”, que é responsável pela criação do santo em si. Posteriormente, considerando a leitura de todo o processo e com a confirmação da veracidade daquilo que ele chamou de “atitudes heroicas de um bom cristão” (SOARES, 2007), passa então a ser chamado de “Venerável”, sem que seja permitido qualquer culto público ao candidato.

Vencida essa etapa, diz Soares (2007), um milagre feito pelo venerável deverá ser provado. Com a assertiva, o proponente é elevado ao grau de Beato, agora podendo ser cultuado pela sua família e seus conterrâneos, somente. Posteriormente, outro milagre deve ser comprovado, bem como a abertura de novo processo local diocesano. Isso demanda muito trabalho, dedicação e grandes investimentos financeiros, conclui.

Em decorrência dos anos de devoção às práticas religiosas e também a inúmeros testemunhos de milagres por toda sua vida, a “Santa Lola” está em processo de beatificação¹³. A Congregação das Causas dos Santos, no Vaticano, em Roma, concedeu o status de *Nulla Osta* (nenhum obstáculo) em 30 de novembro de 2005 para o processo que, desde então, está em andamento. O testemunho de Maria Floripes Silveira, devota de Lola desde criança, assim como sua família, reforça a questão da crença como associação a uma graça recebida.

Aos seis anos, fui picada por uma cobra venenosa. Muito pobre, minha saúde ficava cada vez mais frágil, até que uma boa alma apareceu e se ofereceu para custear todo o tratamento. Sofri muito até que fosse levada ao hospital, onde fiquei internada por dois meses. Passei por uma cirurgia e mais tarde teria que fazer outra para amputar a perna. No dia em que minha família recebeu a notícia, eu já estava bastante debilitada, à beira da morte. Nesse dia, meu pai foi à casa da Lola, que lhe entregou um pequeno frasco com óleo bento. Ela o encorajou e garantiu que a amputação não seria necessária e que eu ficaria boa, mas meu pai teria de passar o óleo na ferida todos os dias. Assim ele o fez. Todos os dias caminhava de Mercês a Rio Pomba comigo no colo. Exatamente do jeito que ela disse que seria, foi. E toda a minha família considera minha recuperação um milagre. (Maria Floripes, 2014)¹⁴.

13 Após consultar autoridades religiosas da região, constatei que tais informações, como detalhes do processo de beatificação e suas etapas são inacessíveis aos leigos, devido ao sigilo das investigações feitas pelo próprio Vaticano para realizá-la. Desta forma, não foi possível relatar detalhes precisos acerca do processo de beatificação de Floripes Dornelas de Jesus.

14 Depoimento concedido à autora, na cidade de Mercês, em 17 de fevereiro de 2014.

A crença que fazia de Lola uma “santa” começou ainda em vida: a fé alimentada pelos devotos era cada vez mais reforçada à medida que relatos milagrosos vinham à tona. Como um grande ciclo, pessoas que desconheciam sua história passavam a acreditar nas graças por ela mediadas e assim, sucessivamente, sua fama foi crescendo e abraçando todos à sua volta. Processo similar, podemos verificar no caso de Francisca Paula de Jesus, a Nhá Chica do Rio das Mortes. Segundo José Antônio de Ávila Sacramento, Nhá Chica passou a ser conhecida em sua terra como a “Mãe dos pobres”, por tamanha fé, caridade, amor ao próximo e desprendimento total dos bens terrenos. Por sempre acalentar os devotos necessitados de algum apoio sentimental, da dissolução de algum problema ou dívida, a santa se assemelha a Lola. Outro ponto em comum é a descrença da própria santidade: “Quando alguém se admirava de suas predições, dos fatos inusitados e dos milagres ocorridos por sua influência, ela explicava: ‘Isso acontece porque rezo com fé’”. (SACRAMENTO, 2006, p. 141-161)

Os paradigmas para analisar os processos que levam ao “nascimento” de um santo nos remetem às ideias de filmes, cujos enredos são parecidos, dramáticos e finais nem sempre felizes. Aos fiéis que são protagonistas e, ao mesmo tempo, seus telespectadores, resta-lhes o amparo na crença, a forma justificável de fazer seu ator principal transformar-se num santo. A crença, por fim, é uma questão de esperança, que vem como última necessidade, ou seja, um desejo desesperado por algo aparentemente impossível que estreita os laços do devoto com a figura santa ou milagreira – o que não acontece apenas com pessoas, mas com objetos específicos e gestos considerados puros, como promessas e penitências. De acordo com a seguidora de Lola, Judith Furtado da Silva,

Minha família sempre foi devota da Santa Lola. Nós sempre a visitávamos e ela nunca deixou de ajudar, nos problemas ou nas doenças. Quando minha segunda filha sofreu queimaduras por todo o corpo, nossa fé falou mais alto e graças a Deus ela conseguiu sobreviver sem sequelas. Minha fé por ela continua inabalável e praticamente todos os anos visito seu túmulo em Rio Pomba para agradecer e rezar por todos nós. Até hoje faço uso do óleo de Lola para curar qualquer enfermidade ou dor. (Judith, 2014)¹⁵.

A fé dos adoradores de Lola parece permanecer intacta e crescente, mesmo após sua morte. A ligação dos devotos com a sua memória se mantém viva na crença e no legado que deixou e fez questão que fosse continuado. Ao que parece, independentemente do reconhecimento oficial por parte do Vaticano, a “Santa Lola” assim será considerada pelos seus

15 Depoimento concedido à autora, na cidade de Mercês, em 17 de fevereiro de 2014.

seguidores. Fato esse também comum no catolicismo, como na história de Padre Cícero, que, de acordo com Antônio Mendes de Costa Braga, é alimentada pelos próprios romeiros, que ligam suas próprias experiências bem-aventuradas à memória do santo. “E suas experiências continuam sendo algo presente e não pretérito. Os romeiros tendem a falar ‘ele é santo’ e não ‘ele foi santo’, (...) Eles tendem a estabelecer uma relação vivaz e concreta com o santo em que não é necessário um grande exercício de elucubração sobre o sentido da santidade ou sobre se ele é ou não santo” (BRAGA, 2007, p. 393). Da mesma forma, a Santa Lola vai além das conjugações verbais, pois, em seus depoimentos, os fiéis também abdicaram do pretérito em momentos de afirmação de sua santidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos processos que envolvem a intrigante história de Floripes Dornelas de Jesus nos remete a outros tantos enredos similares: personagens considerados santos no cenário brasileiro, como Nhá Chica e Padre Cícero, trazem histórias que se entrelaçam no contexto popular, ou seja, os “santos” aqui citados foram considerados como tal pelo povo a eles devoto. Seja pela maneira de oferecer apoio emocional e soluções para problemas aparentemente insolúveis, seja por se dedicar inteiramente a causas religiosas, o título de “santo” a eles foi concedido e é permanente. Podemos constatar que os aspectos que envolvem sua santidade parecem ser recorrentes – pelo menos nos santos que ainda não foram oficialmente reconhecidos ou talvez não o serão – as dúvidas suscitadas no entorno de suas histórias de vida, seus milagres, acontecimentos atípicos, renúncias e vidas inteiramente dedicadas ao sagrado que atraem uma gama considerável de devotos, mas por outro lado, um número nem tão inexpressivo assim de céticos prontos a colocar em xeque toda a sua “santidade”.

O caso específico da personagem “Santa Lola” contraria a racionalidade científica, uma vez que a inexistência de necessidades fisiológicas e a alimentação reduzida a hóstias são o principal ponto que envolve o mistério do corpo que viveu por 65 anos sem qualquer nutriente necessário. Assim como divulgou a Revista Manchete numa polêmica reportagem, em 2 de novembro de 1957, numa entrevista com o Padre Galo a respeito de seu jejum permanente, “com base nas observações recolhidas durante esses dias de contínua vigilância, além do depoimento de seus parentes, confirmando-as, concluímos que os fenômenos de Lola são os seguintes: não se alimenta de qualquer coisa, exceto de hóstia que lhe dou em comunhão, diariamente. Não desassimila absolutamente nada, não urina, não evacua, não bebe líquidos e não anda. Apesar disso, Lola não aparenta uma histeria que seria natural em um caso comum. É equilibrada e calma. E não dorme. Seus olhos limpos são sempre abertos, dia e noite”.

Não nos atemos a investigar a verdade sobre o jejum e os as-

pectos científicos que provariam ou não a possibilidade de sobrevivência humana sem o mínimo requerido de nutrientes. Na verdade, a proposta deste trabalho foi entender como esses aspectos de renúncia e sacrifício configuraram um aparato simbólico para construir esse fenômeno chamado “Santa Lola”. Não se sabe se consciente ou inconscientemente, Lola viveu em função de uma santidade, mas os discursos acerca das curas são normalmente direcionados aos deuses, atribuindo também o “bom” resultado à própria fé, relegando o papel do “santo” ao de mero intermediário. Portanto, natural é o discurso nesse sentido: tanto Lola quanto os demais citados neste artigo seguem, digamos, o mesmo princípio.

Ao que parece, Lola se manteve lúcida em toda a sua vida. Os trabalhos junto à Igreja Católica fizeram com que toda a sua limitação não compromettesse suas capacidades criativas. O desprendimento da vida material, a falta de vaidade e a ausência dos próprios elementos considerados essenciais tanto para a sobrevivência quanto para a higiene pessoal conectavam automaticamente sua imagem à de um ser diferente dos outros: um ser celestial ligado diretamente ao martírio em função da purificação das almas alheias e de sua própria. O sacrifício, além do alimentar, incluía a vigília em nome do Sagrado Coração de Jesus e o desprendimento de qualquer item de higiene ou conforto. Seu leito diário, composto apenas de estrados e lençóis, foi requisitado pela própria Lola, como forma de penitência. Sua vida foi ascética e reclusa, dedicada às menções da Igreja Católica e, mesmo que ela desacreditasse de uma ligação íntima com os personagens sagrados a quem se dedicava, seus devotos não tinham dúvida de sua “santidade”. Isso acontece por influência de uma conduta que parece tão impecável, de modo a ser seguida e idolatrada em conjunto com a compaixão por se levar uma vida sofrida e limitada.

FONTES

- CAMPOS, José Valério. Depoimento concedido à autora no dia 12/04/2014, na cidade de Mercês.
- SÁ, Miriam. Depoimento concedido à autora no dia 18/11/2013, na cidade de Rio Pomba.
- SILVA, Judith Furtado da. Depoimento concedido à autora no dia 17/02/2014, na cidade de Mercês.
- SILVA, Luiz Gomes da. Depoimento concedido à autora no dia 15/04/2014, na cidade de Mercês.
- SILVEIRA, Maria Floripes. Depoimento concedido à autora no dia 17/02/2014, na cidade de Mercês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Ars Poética, 1996.
- ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; CHARRONE, João Paulo. *A*

- santidade nas bagiografias de Venâncius Fortunatus*. Revista Mirabilia, São Paulo, jan. 2001.
- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica III*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ASSAKAWA, E., SILVA, R. A. M., CONSTANTINO, C., TARSITANO, M. A., ZANCANELA, V., CARDOSO, T., ... & BRIDI, A. Avaliação da carne de frangos abatidos pelo método halal. *Anais do XVIII EAIC*, 2009.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A Terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; INL, 1988.
- BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2005.
- BRAGA, Antônio Mendes Costa Braga. *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo*. Maio de 2007. 419 f. Tese Doutorado em Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2007.
- CAMPOS, R, B, C. (2002). A Compadecida no Juazeiro do Norte: performance de imagens bíblicas e emoções entre os Ave de Jesus. Ilha. *Revista de Antropologia* (Florianópolis), Florianópolis, v. 4, p. 115-132, 2002.
- CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: Ensaio Sobre a Noção de Poluição e Tabu*. Lisboa: Edições, v. 70, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Volume 2: Formação do Estado e Civilização*. Jorge Zahar Editor, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Antropologia Social da Religião*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1978.
- FAVIER, J. *Carlos Magno*. São Paulo, Estação Liberdade, 2004.
- GAMERO C. *La insoportable levedad del nunca comer*. RevVivatAcad Chil. 2002.
- IBRAHIM, Márcio Antônio Deotti. *O grande tesouro de Lola*. [S. l.]: [S. n.], 2012.
- JASPARD, J. Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. *Psicol. USP*, v. 15, n. 3, p. 191-212, 2004.
- JESUS, Frei Salvador do Coração de. *A Grande Promessa do Sacratíssimo Coração de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Ed. Edusc: São Paulo, 2005.
- MOUTINHO, SJ, Padre Murilo. *A causa de beatificação do pe. Anchieta*. Edições Loyola: São Paulo, 1980, 1ª edição.
- NEVES, Frederico de C. A Seca na História do Ceará. In. *Uma Nova*

- História do Ceará*. Souza, Simone de (org). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- OLIVEIRA, Priscila Sibim. *Alcuíno e a Educação de Governantes (Final do século VIII e início do século IX)*. (120 fls.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora:(Dra.: Terezinha Oliveira). Maringá, 2008.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo - SP: Imprensa Metodista/Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1985.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. The sacrifices of the flesh: the death of livestock and production of the banquet in Urucuia, MG. *Religião & Sociedade*, v. 32, n. 1, 2012.
- REVISTA MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, n. 289, nov. 1957.
- RICHTER, Melvin. *The Politics of Conscience: T. H. Green and His Age*. Thoemmes Continuum: 1996.
- SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. *Nhá Chica, a santa do Rio das Mortes*. Revista da Academia de Letras de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2006.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O Universo Simbólico da Morte no Agreste Sergipano. *Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira*, Sergipe, n. 7, set. 2012.
- SOARES, Hugo Ricardo. *A Produção Social do Santo: Um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek*. Dissertação (mestrado) em Antropologia Social. Campinas, SP: [s.n.], 2007.
- TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013
- WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki Athanássios; MUNOZ, Patricia Albornoz. Santa Rosa de Lima: uma santa anoréxica? *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul, vol.27, no.1, Jan./Abr. 2005

Recebido em: 29/04/2014

Aceito em: 21/11/2014